

Os rapazes esportivos e as boas maneiras: o “*foot-ball*” em 1944 na visão de Otto Prazeres e de Hélio Silva

Angela BRÊTAS

(Professora da Escola de Educação Física e Desportos / UFRJ
Programa de Pós-Graduação em Educação / UERJ)

O processo que resultou na profissionalização do futebol no Brasil foi permeado por questões de classe social, interesses financeiros, afirmação de identidades, racismos e preconceitos de toda a ordem, como nos informam Proni, 1996; Jesus, 1998; Soares, 1996 e Soares, 1998. Estavam em campo, literal e simbolicamente, diferentes maneiras de ver e de viver o futebol e é neste embate que se constrói parte de sua história em nosso país. Este trabalho tem a intenção de contribuir para ampliar o conhecimento sobre este processo na medida em que acreditamos que as mudanças são resultantes do confronto cotidiano entre as forças em ação. Além disso, pretendemos abordar outras possibilidades de se compreender a maneira como o futebol brasileiro vem se estruturando (Ribeiro, 2000).

O objetivo deste trabalho é apresentar e analisar uma série de seis artigos publicados semanalmente no *Jornal do Brasil (JB)*, no período compreendido entre 20 de setembro e 24 de outubro de 1944¹. Destes, um foi de autoria do historiador Hélio Silva e cinco foram assinados pelo articulista Otto Prazeres².

Ao analisar artigos de jornais publicados na década de 1940 no Rio de Janeiro, é necessário refletir sobre a materialidade deste tipo de veículo, isto é, qual é a sua representação, a quem se destina, quem escreve, quem compra e quem lê. Ademais, é preciso pensar a cidade como uma multiplicidade de realidades e de linguagens, pensar o jornal como um veículo que busca fornecer elementos de ordenação deste cotidiano (Velloso, 2004), como porta-voz privilegiado de certa concepção de mundo e como uma forma simbólica de representação marcada por vários interesses.

Somado a isso é forçoso observar também o momento político. Durante o Estado Novo, a relação de Getúlio Vargas com a imprensa não era tranqüila e as dificuldades se acirraram com algumas medidas estabelecidas pela Constituição de 1937. Com esta Carta jornais, revistas, teatro, cinema e rádio foram submetidos à censura prévia, além disso, todos os jornais foram considerados serviços de utilidade pública e obrigados a veicular comunicados do governo, o que causava profundo mal-estar entre os homens de imprensa não alinhados ao Regime³.

O *Jornal do Brasil* era publicado de terça a domingo. Aos domingos eram publicados dois cadernos. Nos dias de semana era organizado em apenas um caderno. As manchetes vinham apresentadas no centro superior da primeira página, logo abaixo do cabeçalho. Situada mais abaixo havia uma pequena coluna intitulada "*Tópicos e Artigos*" na qual eram feitos os comentários sobre os fatos ocorridos na atualidade, e eram listadas as notícias publicadas nas diversas colunas, quais sejam: "*Noticias Militares; Diversas Noticias; Serviço Telegráfico do Exterior; Notas Religiosas; Notas Sociais; Noticias do Fôro; Escotismo; Prefeitura; Na Policia e nas Ruas; Teatro; Notas Esportivas; Educação e Ensino; Comércio e Finanças*". Todo o restante da página era tomado por anúncios de empregos, classificados e de achados e perdidos que ocupavam até a quarta página. Nas colunas de empregos procuravam-se e ofereciam-se vagas para barbeiros, alfaiates e costureiras, jardineiros, copeiros, lavadeiras e engomadeiras, dentre outras. Nos classificados encontravam-se oferta de venda e aluguel de casas e cômodos no Centro, Laranjeiras, Lapa, Catete, Vila Formosa, Mangue, Estácio de Sá, Flamengo, dentre outros bairros, bem como de aluguel de salas para escritórios.

As colunas citadas acima eram dispostas da quinta até a décima primeira página quando, a partir de então, recomeçavam os anúncios de compra e venda dos mais variados produtos. As notícias eram ordenadas em colunas estreitas e letras pequenas que não

facilitavam a leitura. Apesar de Velloso (2004) afirmar que este era um veículo de características populares, não raro encontramos expressões em outros idiomas, notadamente francês e inglês, sem que possamos notar a preocupação com a tradução. Isso nos leva a supor que o público do jornal talvez fosse capaz de compreender a mensagem.

Ao examinarmos os artigos de Otto Prazeres e de Hélio Silva em 1944, devemos necessariamente considerar sua parcialidade, pois afora representações que são, estão relacionados aos valores da camada social a qual ambos pertencem. Tais escritos desvelam, ao menos, dois aspectos que passaremos a analisar. O primeiro está relacionado ao fato de podermos vislumbrar o esporte como um fenômeno complexo, eivado de valores, espaço de lutas e de tensão e, mais especificamente, o campo de *foot-ball* como palco de conflitos e lugar da coexistência, nem sempre pacífica, de diferentes ordens de valores. A partir daí, poderemos observar que há formas distintas de viver a vida e o esporte, pois no campo de futebol cruzam-se experiências históricas variadas que nos informam sobre os diversos modos vivenciá-lo e de compreendê-lo.

O segundo refere-se a um momento de transição pelo qual passa o *foot-ball* o que é percebido pelos articulistas que tratam de reagir. É possível identificar a tensão entre o futebol idealizado, expresso por Otto Prazeres e Hélio Silva e o futebol real, no qual estão despontando talentosos jovens negros e pobres, contra o qual ambos protestam. Este momento de mudança causa estranhamento. Na visão dos comentaristas está se passando de uma prática desportiva amadora, de certo modo bairrista, afetiva, próxima e íntima, fechada, quase privativa, controlável e vivenciada pelos iguais para uma prática profissional, mais distanciada, pautada por interesses monetários, aberta ao que poderíamos chamar de ‘invasões’ dos desconhecidos, dos diferentes, daqueles que vêm de longe – os ‘bárbaros’? De uma prática privada para um espetáculo público de proporções cada vez maiores, o campo de *foot-ball* está se tornando território livre para o “*creolinho jeitoso*” de Hélio Silva (In:

“*Falemos de foot-ball*”, publicado em 28 de setembro de 1944.). Nos escritos de ambos, percebe-se a tensão entre o novo e o antigo, o conhecido e o desconhecido, o branco e o negro, o dono e o invasor e a resistência das elites em aceitar esses novos personagens.

Cabe esclarecer que neste trabalho não nos deteremos na investigação da forte carga de preconceito e de racismo que aflora dos artigos de ambos os cronistas, pois consideramos que esta temática merece uma atenção especial que extrapola os limites impostos pelas intenções do texto⁴.

A análise destes artigos pode nos ajudar a entender como alguns viam e pensavam sobre esta temática, já que consideramos os articulistas, de acordo com os objetivos deste trabalho, como representantes da visão de uma determinada parcela da população sobre a Educação Física e o Esporte da época. Além disso, se atentarmos para o contexto político, seus escritos também podem ser encarados como mais um dos instrumentos de difusão do ideário do Estado Novo, o que nos auxilia a compreender algo da estratégia de difusão da ideologia dominante e de como ela atingia as pessoas comuns.

Otto Prazeres poderia ser considerado um cronista do cotidiano. Escrevia sobre diversos assuntos no *Jornal do Brasil*, em uma coluna que dividia com outros jornalistas/intelectuais, dentre eles, Dunshee de Abranches, Nelson Carneiro e A. Porto Silveira. Os dois primeiros escreviam as quartas e quintas-feiras, respectivamente, enquanto Otto Prazeres, A. Porto Silveira e um militar de alta patente (diferente a cada semana) alternavam-se nos outros dias. Suas colunas normalmente ocupavam o canto superior direito da quinta página, espaço que pode ser considerado nobre por sua visibilidade.

Hélio Silva não era um colaborador rotineiro do *JB* (ao menos no período estudado não foram encontrados outros de seus escritos), em seu artigo dá a entender que estava no exterior e que recebe material informativo do Brasil. Em uma dessas oportunidades, no conjunto que lhe chega às mãos está um dos textos de Otto Prazeres, a quem considera como

“*velho amigo e leitor recíproco*” (*op.cit.*). Seu texto pode ser apreciado não como uma resposta, mas sim, como um comentário sobre o que lera e, também, como mostra de sua influência, pois fora editado em uma quinta-feira, dia seguinte ao do terceiro escrito do outro e disposto no mesmo espaço privilegiado ocupado pelos demais.

Otto Prazeres, entre setembro e outubro de 1944, redigiu a série de artigos sobre a relação entre a educação física e o que chamou de “*educação social*” (In: “*A degradação dos esportivos*”, publicado em 20 de setembro de 1944). Lamentava que a educação esportiva não estivesse alcançando os resultados desejados no âmbito da educação das boas maneiras e do aperfeiçoamento intelectual. Segundo ele, “*No Brasil, está sendo semelhante educação desportiva um verdadeiro descalabro*” (*op.cit.*).

Sentia-se no direito e no dever de abordar este assunto porque afirmava que sempre havia se colocado à disposição do Governo e cooperado com o desenvolvimento esportivo do Rio de Janeiro, pois, inclusive a própria Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde, costumava colaborar enviando-lhe textos que utilizava em suas argumentações a favor da educação física.

Esta série versava sobre o que o incomodava no comportamento de jovens que praticavam esportes no Brasil, mais especificamente, no Rio de Janeiro, chamados à época de “*rapazes desportivos*” (*op.cit.*).

Pereira (1997) nos ajuda a compreender o sentido da expressão ‘rapazes esportivos’ ao afirmar que no período compreendido entre o final do século XIX e o início do XX, o futebol era considerado um esporte dos mais refinados e constituía-se em uma moda entre os membros das famílias mais ricas na cidade do Rio de Janeiro. Em suas palavras:

Ser um sportsman era, assim, estar a par do que havia de mais moderno e elegante, constituindo-se como um grande elemento de distinção. (p.27)

Deste modo, em 1944, Otto Prazeres e Hélio Silva encontravam-se ainda apegados a esta visão elitista do futebol.

Inicialmente analisando os desportos de uma maneira geral, Otto Prazeres estabelece um debate com seus leitores e, com o apoio e aplauso daqueles que diz serem a maioria, passa a se referir especificamente ao *foot-ball*, pois “*nos outros desportos não há tanto regresso do homem ao animalismo*” (In: “*A culpa é do football?*”, publicado em 27 de setembro de 1944). A partir daí seus escritos são reveladores, pois deixam à mostra a trama do tecido que compõe a educação física, o esporte e o futebol do período.

Afirmava que estes rapazes não sabiam se portar fora das quadras e campos, adotando procedimentos, atitudes, vestuário e linguajar inadequados. Declarava que freqüentavam aulas de blusões abertos, com trajes esportivos e usando sapatos com pregos; nos bondes colocavam os pés nos bancos e, na frente de senhoras e senhoritas, utilizavam palavras de baixo calão. Para ele, “*A nossa mocidade desceu a procedimentos, a atitudes, a vestuários, a maneiras, a linguagens verdadeiramente ignóbeis*” (In: “*A degradação dos esportivos*”, publicado em 20 de setembro de 1944).

Nossos jovens eram comparados com os desportistas ingleses e norte americanos que, segundo o cronista, eram mais educados e sabiam se comportar dentro e fora do campo. Em suas palavras: “*Os rapazes esportivos, ingleses e americanos, distinguem de modo perfeito o campo dos esportes, da casa, do convívio com pessoas que não estão nas pugnas. E distinguem no uso das roupas apropriadas, nas atitudes, na linguagem, em tudo*” (op.cit.).

Para o articulista, o papel da educação física era “*aprimorar a educação geral, melhorar corporalmente o indivíduo para que tire melhor partido de suas qualidades morais e tenha nos gestos uma elegância perfeita*” (op.cit). No que dizia respeito aos rapazes estrangeiros, a educação física cumpria seu papel, entretanto, para os brasileiros, em especial os cariocas, a educação física falhava em seus objetivos. Sobre isso declarou:

A mente sã num corpo sã - lema da educação física - não se resume tão somente num espírito capaz de ação, como o corpo. O que se deseja é uma completa mistura do homem bem educado fisicamente com o homem perfeito de espírito e apresentando o resultado dessa comunhão educativa que são as boas maneiras sociais, em palavras e atitudes (In: “*Educação esportiva*”, publicado em 23 de setembro de 1944).

Inicialmente afirmara que este problema era causado pela omissão dos pais que não educavam seus filhos e pelos professores que permitiam que suas aulas fossem freqüentadas por alunos mal vestidos e sujos. Para ele, a resolução deveria partir dos próprios clubes esportivos que, em paralelo às aulas de educação física, deveriam oferecer educação social em seus salões ao fim das pugnas.

Nas centenas de cartas que afirma receber o *foot-ball* profissional aparece como o grande vilão, sendo que alguns leitores procuram esclarecer alguns dos temas tratados. Uma das cartas recebidas é do Diretor da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde, que mesmo concordando com muito do que trata o jornalista, defende a educação física, estabelecendo diferenças entre ela e o *foot-ball* profissional, chegando a asseverar: “*É que o foot-ball profissional, visado pelo meu amigo, ao que suponho, como causador de todos os males nesse período apontados, é espetáculo público e não desporto e, muito menos, meio de educação física*” (In: “*O foot-ball e a educação física*”, publicado em 13 de outubro de 1944). Em outra comunicação recebida o leitor declara que o problema não é o *foot-ball* em si, mas o “*profissionalismo sensacional, sacrificando o legítimo interesse esportivo, desvirtuasse as verdadeiras finalidades das competições*” (In: “*A culpa é do football?*”, publicado em 27 de setembro de 1944).

Tendo detectado que o problema está no *foot-ball* profissional, Otto Prazeres trata de esquadrinhá-lo à procura de mais culpados e termina por encontrá-los. Revela que neste jogo, pessoas de diferentes classes sociais se misturam e se igualam na falta de educação, descendo todos “*à barbaria de atitudes*” (*op. cit.*). Ao invés de os mais educados ensinarem as boas maneiras aos menos educados, são estes que levam os primeiros a regredir em seus modos. Outro aspecto da questão é a falta de obediência demonstrada por nossos rapazes. Afirma que os jogadores de *foot-ball* no estrangeiro “*se mostram obedientes ao diretor, quer antes do*

jogo, quer durante este. Pouparam forças seguindo as ordens recebidas, deitam cedo, comem com método, evitam bebidas. Tudo o que lhes é traçado pelo diretor é desde logo obedecido” (op. cit.). Este trecho desvela a tentativa de controle dos jovens pelo esporte. Espera-se que deitem cedo, não bebam e respeitem a hierarquia, contudo, logo em seguida fica claro que eles não aceitam facilmente tais imposições, pois o autor lamenta: “*Os nossos rapazes como que têm vergonha de seguir regras...*” (op. cit.).

É sobre esta resistência que Otto Prazeres se ocupa. Em seus escritos o jornalista se surpreende com o fato de que a educação física no Brasil não obtém os mesmos efeitos que julga existirem no restante do mundo. Atrelado a uma visão idealizada, acreditava fortemente naquilo que se apregoava ser resultado de um programa de educação física e de esporte. Com estes seria possível conquistar a disciplina, o desenvolvimento intelectual e físico, o desenvolvimento social, o domínio dos comportamentos mais primitivos, enfim, a obtenção de corpos fortes, seguros, perfeitamente controláveis e econômicos nos gestos e nas atitudes. E, neste caso específico, adequados à ideologia estadonovista. Entretanto, para seu desgosto, o real se sobrepõe ao ideal e o futebol vivido não se coaduna com o que se espera dele, o que causa assombros e indignação ao articulista.

Contudo alguns questionamentos ficam sem respostas, ao menos no diz respeito este a trabalho. Em que medida estaria Otto Prazeres preso a uma visão idealizada do futebol? Seria sua postura conservadora o obstáculo que o impediria de entender e aceitar o comportamento dos jovens e as mudanças em andamento? E estes, estabelecem novas relações com futebol, rompendo com uma norma anteriormente admitida, vivenciando-o à sua maneira ou, a reação do colunista traduz um simples conflito entre gerações? Ou, ainda, é uma crise causada pelo fato de que sua crença nos objetivos explicitados da educação física não se tornarem uma realidade?

O artigo de Hélio Silva oferece mais elementos para análise. Comentando um dos textos de Otto Prazeres que não especifica, é mais enfático em suas afirmações e aponta outros culpados para o problema em pauta. Afirma que na Inglaterra e nos Estados Unidos, nestes tempos de guerra, estão sendo discutidas questões militares ou ligadas a processos eleitorais, enquanto isso, no Brasil, fala-se sobre *foot-ball*. Declara sentir-se envergonhado, mas não esclarece se o sentimento é devido ao fato de este ser um assunto sem importância diante de tantos outros mais relevantes ou se seu incômodo refere-se às mudanças pelas quais vem passando este esporte e que o desagradam.

Inicialmente deixa claro que não é contra o *foot-ball* e que é de uma geração que acompanha sua crescente popularização. Assistiu ao Brasil vencer o Campeonato Sul Americano de 1919, por 1x0 contra o Uruguai, com gol de Friedenreich, em um tempo em que não havia ainda cronistas do esporte, entretanto, deplora as mudanças pelas quais o *foot-ball* vem passando.

Também ressalta o profissionalismo como um dos responsáveis pelas modificações que considera lamentáveis. Declara que os *players*, termo que utiliza para designar os jogadores, eram movidos pelo amor à camisa e que “*cada clube tinha a sua gente, uma gente apaixonada*” (In: “*Falemos de foot-ball*”, publicado em 28 de setembro de 1944) que participava de todas as atividades chegando até a trabalhar para o clube em caso de necessidade. Neste ambiente a sinceridade, a lealdade, o entusiasmo e a inteligência estavam presentes. Os jogadores eram filhos de famílias do próprio bairro e, portanto, o jogo de *foot-ball* reunia pessoas de mesma classe social, tanto nas arquibancadas quanto em campo. Em suas palavras:

Um jogador do Fluminense era sempre o filho de uma família entusiasta do Fluminense, morador da redondeza, que desde pequeno se esforçava por figurar nos ‘teams’ do Fluminense, vindo não raro do infantil para o juvenil, deste para os ‘teams’ secundários, até galgar a equipe principal. (op.cit.)

Os novos tempos trouxeram para os clubes indivíduos de outras classes sociais, que eram proibidos de freqüentar suas sedes em dias de festa por serem considerados empregados de categoria inferior. Afirma que: “os sócios não tolerariam, por exemplo, ver o famoso ‘Diamante Negro’⁵ dançando com a filha do sócio graduado” (In: “Falemos de foot-ball”, publicado em 28 de setembro de 1944).

Um trecho destacado em Pereira (1997) nos fornece importantes elementos para a compreensão do futebol neste momento histórico. Em suas palavras:

Ao jogar no Fluminense Marcos evitou misturar-se no campo com outros grupos que não davam ao futebol o mesmo sentido de jovens elegantes como ele, mas não escapou de assistir à rápida disseminação do esporte por entre torcedores das mais diversas camadas sociais, que tinham nele um de seus maiores ídolos. (p. 31)

Dois aspectos podem ser analisados nesta citação. O primeiro refere-se ao fato do campo de futebol em 1914 já conter os ‘outros’, aqueles que não eram tão elegantes quanto Marcos de Mendonça, o que nos leva ao segundo aspecto, qual seja, à ratificação dos argumentos que sustentam este trabalho.

As palavras de Hélio Silva também revelam uma concepção idealizada, romântica, dicotômica e maniqueísta do futebol, pois ao profissionalismo se contrapõem a inteligência, a lealdade, o entusiasmo e o verdadeiro amor. Não há espaço para mediações ou nuances. De um lado estão as virtudes e, do outro, as mazelas. Além disso, suas argumentações são marcadas por sua posição de classe social e tal característica se agudiza com a continuidade da exposição.

O historiador segue afirmando que tampouco a qualidade técnica do jogo melhorou com a entrada em campo destes novos personagens. Pobres, fracos e doentes desde crianças, não poderiam se tornar grandes atletas. Em sua opinião:

Depois, preparo físico de atleta começa na infância. Que preparo podem ter esses creolões recrutados nos subúrbios, com exames de sangue fortemente positivos,

dentos em péssimo estado, com uma infância pobre e descuidada, que apenas se habilitam na pelota, noite e dia? (op. cit.)

Todavia, Hélio Silva, no conjunto de seus argumentos, desvela algo do modo de agir destes elementos, estranhos àquele meio social, que estamos considerando como ‘invasores’. Aparentemente havia, por parte dos clubes, um esforço de ‘aculturação’ destes sujeitos, o que significava que deveriam assimilar novos hábitos e, para isso, era necessário que estivessem sob permanente vigilância. Como vinham de ambientes distintos eram submetidos a um controle e, por conta disso, moravam no clube e seguiam (ou deveriam seguir) as recomendações dos treinadores que cuidavam de sua condição física. Entretanto, ao que parece, tais esforços eram em vão, pois os jogadores, dando mostras da sua resistência à tais imposições, escapavam à vigilância frequentando casas noturnas. Nas palavras do escritor: *“Se hoje os jogadores se sujeitam oficialmente a um controle, moram no clube, têm treinadores e fazem ginástica, não raro vemos notícia de polícia registrando a façanha de um desses ídolos no cabaré barato onde passam as noites” (op. cit.).*

Não era apenas a questão da profissionalização que inquietava Hélio Silva, pois no interior desta alteração, ao menos, três problemas se apresentavam. O primeiro estava relacionado ao fato de que os novos personagens em campo eram de camadas economicamente inferiores da sociedade, em boa parte, jovens negros que encontravam no *foot-ball* uma oportunidade de ascensão social. Apesar de reconhecer que sua prática era excelente para crianças pobres necessitadas de exercício porque não demandava grandes despesas, acusava-os de estarem interessados apenas no dinheiro e afirmava que *“o jogo, para eles, é meio de vida...”* (In: *“Falemos de foot-ball”*, publicado em 28 de setembro de 1944).

Daí surge o segundo problema. Em sua opinião o *foot-ball* substituía o trabalho, o que aumentava sua indignação e o levava a afirmar, *“por outro lado, não há creolinho jeitoso que*

não veja nele um meio comodo de ganhar a vida e de evitar o trabalho de verdade” (op.cit).
Este pode ser apreciado como um fator fundamental para a compreensão de seus protestos, pois o momento político era de valorização do trabalho e do trabalhador.

Getúlio Vargas, ao assumir o poder como chefe do Governo Provisório em 1930, inicia o cumprimento das promessas de campanha e, neste mesmo ano, cria o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e o Ministério da Educação e Saúde. A partir daí segue-se um conjunto de providências que responderá às demandas históricas dos trabalhadores. Por exemplo, em 1932, dá-se a criação da carteira de trabalho⁶ obrigatória para todos os trabalhadores urbanos; a definição da jornada de oito horas diárias de trabalho para comerciários e industriários⁷ e, a regulamentação do trabalho da mulher⁸. Está em curso uma política voltada para a formação de uma identidade do trabalhador brasileiro, cômico de seus direitos e de seus deveres para com o crescimento da nação. Portanto, a figura do vagabundo era pernicioso para todo o Estado Brasileiro e deixar de trabalhar para tornar-se *player* era visto, na melhor das hipóteses, como uma traição.

A fim de fortalecer este conjunto de argumentos vale atentar para as palavras do Chefe do Governo em discurso proferido durante as comemorações do Primeiro de Maio de 1943:

Hoje mais do que nunca, a ociosidade deve ser considerada crime contra o interêsse coletivo. Não se pode tolerar a desocupação quando há tantas tarefas urgentes a realizar. (Revista Cultura Política, v.3, n. 28, junho de 1943)

Com relação ao terceiro problema, Hélio Silva já havia dito que nestes novos tempos faltava inteligência ao *foot-ball* e o fato de considerar que o esporte tinha passado a ser monopólio destes novos sujeitos, pessoas sem educação e sem escolaridade, aumentava sua indignação, pois acreditava que isto terminaria por matá-lo. Em seus comentários chega a lamentar que *“não há mais nenhum rapaz de educação que almeje ser ‘astro’ de foot-ball”* (In: *“Falemos de foot-ball”*, publicado em 28 de setembro de 1944).

Ainda é possível analisar de modo mais aprofundado os escritos de Hélio Silva no que dizem respeito ao futebol como meio de ascensão social de jovens negros, pobres e de baixa escolaridade. Em primeiro lugar estamos tratando de algo em movimento. Não apenas o movimento literal da bola nos pés e dos corpos que se deslocam, mas também daquele relacionado às mudanças na maneira como o *football* se estruturava e se organizava até então. Esta nova configuração que vem se instaurando é marcada pelos embates cotidianos literais e simbólicos, dentro e fora do campo, e por um movimento de submissão e resistência por parte dos jovens ‘invasores’. Estes, ao mesmo tempo em que aceitavam determinadas condições para participar do mundo do *foot-ball* não abandonavam suas práticas e comportamentos costumeiros julgados perniciosos pelas elites. Neste movimento tático (Certeau, 1998), de aparente aceitação, os “*rapazes desportivos*” (In: “*A degradação dos esportivos*”, publicado em 20 de setembro de 1944) das camadas populares alargavam as fronteiras da dominação abrindo espaços para os valores de sua classe social (Velloso, 2004).

A expressão “*creolinho jeitoso*” (In: “*Falemos de foot-ball*”, publicado em 28 de setembro de 1944), empregada por Hélio Silva, merece reflexões. À parte sua forte carga de preconceito, sobre a qual não nos deteremos, ela nos fornece indicações sobre características das habilidades de movimento destes jovens que as utilizavam para introduzir-se no mundo dos dominantes e ascender socialmente.

Velloso, discorrendo sobre a idéia da existência de uma memória corpóreo-gestual, pouco estudada em nossa historiografia, cita trabalhos de Sodré, Revel, Bernuzzi, Augras, Pereira e Luhning, dentre outros (*op.cit.*, p. 28 - 30). Neste debate, o corpo aparece como “*inscrição histórica*” (Velloso, *op. cit.* p. 29) que se situa para além do discurso da cultura letrada. Os movimentos corporais do jogo e da dança poderiam ser analisados como expressões de uma memória corporal coletiva da cultura negra. Em uma cultura predominantemente oral, muitos conhecimentos e práticas sociais encontram abrigo nos

gestos e muito desta cultura, isto é, sua capacidade de se adaptar e de se manter pode encontrar aí um de seus pilares. Em suas palavras:

Não se memoriza apenas por intermédio da mente, mas também do corpo. Se é evidente a existência de um patrimônio concreto – constituído a partir dos objetos e das representações simbólicas, tais como monumentos, santuários, imagens, textos, partituras – também é irrecusável a existência de uma memória de cunho mais abstrato. (p. 30)

Discutindo territorialidades culturais na cidade do Rio de Janeiro, no período de 1900 – 1930, Velloso esclarece que um grupo privado de cidadania, de propriedade, de moradia e de outros direitos considerados básicos, termina por buscar e recriar caminhos para sua integração ao espaço e à cidade, direcionando “*grande parte de sua energia participativa no empenho de esforços destinados a ampliar e desdobrar seus espaços de atuação*” (p. 31). No caso dos negros nas danças, nos candomblés, nos cordões, nos capoeiras e no gestual cotidiano “*revela-se toda uma coreografia de gestos e de movimentos, destinados a marcar espaço. Enfim, destaca-se, neste caso, um corpo que comunica intensamente seus valores e práticas*” (p. 31).

Com base nesta discussão é possível pensar que estes novos/invasores ‘*rapazes desportivos*’, dos quais nos falam Hélio Silva e Otto Prazeres, ampliavam as chances de atuação e de ascensão social jogando em dois campos. No campo de *foot-ball*, jogavam literalmente ao utilizar seu repertório gestual e de movimentos e, no campo simbólico jogavam no interior das brechas do sistema explorando-as em seu próprio benefício.

Para finalizar seu artigo Hélio Silva aponta aqueles que são, em sua opinião, “*os três grandes inimigos do Trabalho no Brasil: o Ministério do Trabalho, o ‘Foot-ball’ e o Radio*”.

Vale a pena transcrever suas palavras:

O primeiro, com sua legislação vedando a aprendizagem de menores, que não têm outra coisa a fazer, desde que não estudem, do que jogar ‘foot-ball’. O segundo, substituindo tão mal a oficina, e, entretendo com a perspectiva do estrelato do

gramado toda a juventude avessa ao livro e pouco simpática ao trabalho. O terceiro, completando o segundo; porque o pequeno contrário ao estudo e refratário ao trabalho tem duas desculpas, duas aspirações, dois vícios: imitar o 'Da Guia' ⁹ ou copiar o Orlando Silva ¹⁰. Quanto bom aprendiz de carpinteiro se perdendo, quanto trocador de ônibus aproveitável transviado nas salas dos programas do calouro... (In: "Falemos de foot-ball", publicado em 28 de setembro de 1944)

Como nos dá a entender o articulista, os limites fixados para os filhos das camadas economicamente inferiores eram rompidos através de sua ousadia em se aventurar por domínios que originalmente não lhes pertenciam. Valendo-se das *"falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário"* (Certeau, 1994, p. 101), criavam novos espaços, geravam novas possibilidades de mobilização e, assim, ampliavam as chances de ascender socialmente.

Referências

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: as artes do fazer*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 351 p.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Futebol e racismo no Rio Grande do Sul: a Liga da *Canela Preta*. In: Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 6. 1998, Rio de Janeiro. *Coletânea*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998. pp. 110 – 116.

MACHADO, Humberto Fernandes. A imprensa no Rio de Janeiro na crise do escravismo. In: COLÓQUIO HISTÓRIA E IMPRENSA – Homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos. 1997, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998. pp. 33 – 40.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Pelos campos da nação: um “goal-keeper” nos primeiros anos do futebol brasileiro. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, pp 23 – 40, 1997.

PRONI, Marcelo Weishaupt. De esporte amador a esporte-espetáculo: sobre a profissionalização do futebol no Brasil. In: Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 4. Belo Horizonte. *Coletânea*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, 1996. pp. 199 – 209.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Historiografia do futebol brasileiro nos anais do “Encontro de História”. In: Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 7. Gramado. *Anais e Resumos*. Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. pp. 123 – 126.

RIGO, Luiz Carlos. Práticas competitivas e profissionalismo: uma análise da experiência do futebol pelotense. In: Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 7. Gramado. *Anais e Resumos*. Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. pp. 171 – 175.

SOARES, Antonio Jorge. O racismo contra o Vasco e a fundação da AMEA: uma história de identidade. In: Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 6. 1998, Rio de Janeiro. *Coletânea*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998. pp. 139 - 145.

SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. Futebol e nacionalismo: questões de história. In: Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. 4. 1996, Belo

Horizonte. *Coletânea*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, 1996. pp. 440 – 449.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo : Companhia das Letras, 1998. 493 p.

VELLOSO, Monica Pimenta. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-30)*: mediações, linguagens e espaços. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004. 112 p. (Coleção FCRB, Série Estudos; 1)

Sobre a autora:

ANGELA BRÊTAS é professora da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cursa o doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e é pesquisadora sênior do grupo de pesquisa Anima / EEFD /UFRJ.

Endereço para correspondência:

Rua Barão de Mesquita, 620 casa 10. Andaraí. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. CEP 20540-003.

¹ De autoria de Otto Prazeres: 1) “*A degradação dos esportivos*”, publicado em 20 de setembro de 1944; 2) “*Educação esportiva*”, publicado em 23 de setembro de 1944; 3) “*A culpa é do football?*”, publicado em 27 de setembro de 1944; 4) “*O foot-ball e a educação física*”, publicado em 13 de outubro de 1944; 5) “*Educação física e boas maneiras*”, publicado em 24 de outubro de 1944.

De autoria de Hélio Silva: “*Falemos de foot-ball*”, publicado em 28 de setembro de 1944.

² Secretário-membro da Comissão de Estudos dos Negócios Estaduais do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Colaborador da Revista Cultura Política, editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). In: Revista Cultura Política, v. 3, n. 33, outubro de 1943.

³In: <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/> em 10/01/2006.

⁴ Para mais informações consultar: Jesus (1998) e Soares (1998).

⁵ Como era conhecido o atacante negro Leônidas da Silva (1913 -). Considerado o maior jogador do futebol brasileiro, inventou a jogada bicicleta. Revelou-se craque no Campeonato Brasileiro de 1931. In: <http://www.leonidasdasilva.com.br> em 18/02/2006.

⁶ Decreto nº. 21.175, de 21 de março de 1932, regulamentado pelo decreto nº. 21580, de 29 de junho de 1932 e, posteriormente, pelo decreto nº. 22.035, de 29 de outubro de 1932.

⁷ Decretos nº. 21.186, de 22 de março de 1932e nº. 21.364, de 04 de maio de 1932, respectivamente.

⁸ Decreto nº. 21.417/A, de 17 de maio de 1932.

⁹ (1912 – 2000). Por seu futebol quase perfeito, tinha o apelido de “Divino Mestre” e era considerado o maior zagueiro do futebol brasileiro em todos os tempos. Jogou entre os anos de 1930 e 1948. In: <http://www.museudosesportes.com.br> em 17/02/2006.

¹⁰ (1915 – 1978). Considerado o melhor dos grandes cantores da “Era do Rádio”, era chamado de “*O cantor das Multidões*” e viveu o auge de sua carreira entre 1935 e 1942. In: <http://www.cliquemusic.com.br> em 17/02/2006.